

AS MULHERES CORAJOSAS DA ALDEIA TAUNAY/IPEGUE EM MATO GROSSO DO SUL/BRASIL: XAMANISMO, CRISTIANISMO E ATUALIZAÇÃO COSMOLÓGICA.

Noêmia dos Santos Pereira Moura *

Rosalvo Ivarra Ortiz**

Ane Caroline dos Santos***

© INSTITUTO DE INVESTIGACIONES ANTROPOLÓGICAS DE CASTILLA Y LEÓN, Salamanca | 2017.

Resumo: Os Terenas cristãos falam nos xamãs como se estivessem resgatando as lembranças de suas infâncias ou relatos de seus anciãos o que nos levam a refletir que o tempo do desaparecimento dos koixomuneti não é tão remoto quanto pretendem apresentar. Os líderes evangélicos e católicos com os quais dialogamos no período de 2003 a 2009 e recentemente em 2016 faziam essas inquietações constantemente. Dessa forma, suas narrativas e histórias, levaram-nos a evidenciar um perfil de pajé, tal como se autodenominou à época a nossa principal interlocutora Dona Miguelina Silva, Terena da Aldeia Ipegue da Reserva Taunay/Ipegue, localizado no município de Aquidauana no Estado de Mato Grosso do Sul- Brasil. A pajé também era uma das coordenadoras/líderes do Grupo das Mulheres Corajosas da Igreja Católica, que atentas aos movimentos da aldeia se uniam para informar ao Conselho Tribal, sobre situações de risco na comunidade. As mulheres levavam ao Cacique, liderança temporal da aldeia terena, demandas e situações consideradas por elas como fora do padrão Terena. Uma característica que notificamos foi que as mulheres do grupo, em sua maioria, eram benzedoras e filiadas à Capela Católica da aldeia Ipegue. As Mulheres Corajosas, portanto, era um grupo de referência católica e de benzedoras, que ocupavam a função de denunciar comportamentos que consideravam inadequados ou fora do ethos Terena. Percebemos as atualizações da figura do xamã, que em contato direto com os Terena e destacamos os novos xamãs católicos ressignificados em benzedores, pajés, purungueiros e fazedores de simpatias (MOURA, 2009). Portanto, algumas benzedoras do grupo de Miguelina, segundo ela, especializavam-se em doenças específicas de uma faixa etária. Assim, Dona Miguelina benzia as crianças, mas também os adultos. O destaque para essa situação em que a interlocutora é pajé, benzedora e associada a um grupo de mulheres, que se autodenominam Corajosas, para enfrentar situações liminares em sua comunidade e, tem o objetivo de evidenciar os lugares sociais e políticos que elas ocupam em uma aldeia Terena para lidar com as diversas instâncias internas e externas.

Palavras-chave: Cosmologia Terena, Atualizações Xamânicas, Protagonismo das Mulheres.

Resumen: Los Terenas cristianos hablan en los chamanes como si estuvieran rescatando los recuerdos de sus infancias o relatos de sus ancianos lo que nos llevan a reflejar que el tiempo de la desaparición de los koixomuneti no es tan remoto como pretenden presentar. Los líderes evangélicos y católicos con los que dialogamos en el período de 2003 a 2009 y recientemente en 2016 hacían esas inquietud constantemente. De esta forma, sus narrativas y historias, nos llevaron a evidenciar un perfil de pajé, tal como se autodenominó en la época nuestra principal interlocutora Doña Miguelina Silva, Terena de la Aldea Ipegue de la Reserva Taunay / Ipegue, ubicado en el municipio de Aquidauana en el Estado de Mato Grosso do Sul- Brasil. El pajé también era una de las coordinadoras/líderes del Grupo de las Mujeres Corajosas de la Iglesia Católica, que atentas a los movimientos de la aldea se unían para informar al Consejo Tribal, sobre situaciones de riesgo en la comunidad. Las mujeres llevaban al Cacique, liderazgo temporal de la aldea terena, demandas y situaciones consideradas por ellas como fuera del patrón Terena. Una característica que notificamos fue que las mujeres del grupo, en su mayoría, eran bendecidas y afiliadas a la Capilla Católica de la aldea Ipegue. Las Mujeres Corajosas, por lo tanto, era un grupo de referencia católica y de bendecidas, que ocupaban la función de denunciar comportamientos que consideraban inadecuados o fuera del ethos Terena. Se perciben las actualizaciones de la figura del chamán, que en contacto directo con los Terena y destacamos los nuevos chamanes católicos ressignificados en bendecir, pajés, puruleros y hacedores de simpatías (MOURA, 2009). Por lo tanto, algunas blandas del grupo de Miguelina, según ella, se especializaban en enfermedades específicas de un grupo de edad. Así, Doña Miguelina bendecía a los niños, pero también a los adultos. El destaque para esa situación en que la interlocutora es pajé, bendecidora y asociada a un grupo de mujeres, que se autodenominan a Corajosas, para enfrentar situaciones liminares en su comunidad y, tiene el objetivo de evidenciar los lugares sociales y políticos que ellas ocupan en una situación El pueblo Terena para manejar las diversas instancias internas y externas.

Palabras-clave: Cosmología Terena, Actualizaciones Chamánicas, Protagonismo de las mujeres.

*Docente da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: noemiamoura@ufgd.edu.br
**Mestrando em Antropologia pela Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: rosaltortiz@hotmail.com

***Mestranda em Antropologia pela Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: carol.santos43@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os Terenas falam nos Xamãs como se estivessem resgatando as lembranças de sua infância, o que nos leva a pensar que o tempo do desaparecimento dos koixomuneti não é tão remoto quanto pretendem as lideranças indígenas evangélicas e as católicas. Suas informações, juntamente com as demais que conseguimos levantar com os outros participantes desta pesquisa, levam-nos a traçar um perfil do (a) pajé, como são denominados os koixomuneti atualmente pelos Terenas. Temos um exemplo do que atualmente estamos denominando de pajé (koixomuneti): Miguelina Silva, da Aldeia Ipegue. Miguelina era líder do grupo - Mulheres Corajosas – vinculado à Igreja Católica, no ano de 2007, quando dialogamos sobre o xamanismo e o catolicismo.

As Mulheres Corajosas, em sua maioria benzedoras, se (re) uniam para levar denúncias ao Conselho Tribal, liderado pelo Cacique, sobre comportamentos e práticas dos indígenas que entendiam estar fora do “padrão Terena”. Dona Miguelina destacou como exemplo de má conduta o envolvimento de adolescentes e jovens com drogas, cujos desdobramentos chegaram à Polícia Federal. A intenção era zelar pela manutenção da cultura a partir das práticas de observar e denunciar os desvios de conduta.



Grupo da Capela da Igreja Católica de Ipegue – Mulheres Corajosas (Miguelina Silva – segunda mulher em pé da esquerda para a direita). Fonte: arquivo pessoal de Miguelina Silva

Para além do grupo religioso católico, Miguelina nos contou sobre outras formas de inserção religiosa que mantinha. Era pajé reconhecido pelas lideranças políticas da região e até tinha feito pajelança na Organização das Nações Unidas (ONU). Os grandes como

denominava os políticos que a chamavam para se apresentar em suas festividades, a convidavam para benzer lugares e pessoas. Auxiliada por sua filha a professora Maria Alexandra Silva, mostrou com satisfação as fotos da pajelança em comemoração ao Dia do Índio, na ONU. Relatou a participação em eventos na aldeia e fora.



Miguelina Silva, na ONU. Fonte: arquivo pessoal de Miguelina Silva, Aldeia Ipegue, Aquidauana-Mato Grosso do Sul- Brasil.

As fontes acessadas evidenciaram que Miguelina Silva é xamã, que se autodenomina conforme a situação, benzedora ou pajé. Sua trajetória na qual focarei essa outra parte do texto evidencia como se construiu liderança religiosa em Ipegue. As identidades, católica e xamânica, se alternam, conforme o contexto no qual se encontra. No ano de 2007, ocupava o cargo de Coordenadora da Capela Católica de Ipegue e, nessa condição realizava a identidade de benzedora, ao invés de xamã. Nesse período, as pajelanças se davam mais para o exterior da área indígena, tal como na cidade de Aquidauana, a convite do Prefeito, de outras lideranças partidárias ou de entidades.

A pajé fez referência ao evento de agradecimento ao Prefeito de Aquidauana por ocasião da eleição de sua neta, que recebeu o título de Miss sul-mato-grossense e representou o Estado e o Município de Aquidauana no Concurso de Miss Brasil. Pelo apoio o líder político recebeu as bênçãos da índia Terena Miguelina Silva, pajé da Aldeia Ipegue. Percebi que o evento havia sido muito significativo para a família da Miss e para sua etnia, pois ela usou como traje típico a indumentária Terena. As trocas entre a etnia e a autoridade civil, nesse evento, foram mediadas pela figura da xamã de Ipegue.

A pajelança de Miguelina Silva era à época destacada mais uma atividade externa à

Aldeia. Na década atual, quando algumas famílias terena resolvem realçar sua performance guerreira e iniciaram a ocupação das áreas em litígio, a xamã, entre outros xamãs realça sua identidade de pajé. A atividade religiosa faz parte do fenômeno das Retomadas¹. A luta pela terra indígena, desenvolvida a partir da década de 1990 no Mato Grosso do Sul, evidencia o protagonismo Terena, Guarani e Kaiowá no processo de recuperação de seus territórios e um dos elementos de destaque é a participação de lideranças religiosas fortalecendo a espiritualidade dos guerreiros e guerreiras (XIMENES, 2017). O xamanismo, portanto, é ressignificado no benzedor, no curandeiro, no raizeiro, no fazedor de simpatias, no purungueiro e em outras formas religiosas (MOURA 2009).

O purungueiro, homem ou mulher, tem sobre si uma carga de tradição muito pesada, que associa a pessoa tanto com as coisas boas quanto com as coisas ruins. Os termos bem e mal, nesse caso em específico, se relacionam com as ações potencializadoras de conflitos que envolvem os fuxicos, as brigas, os feitiços e as disputas. A concepção de bem e mal depende da perspectiva de quem o está anunciando. Aquilo que faz bem a alguém pode destruir ou dificultar a vida do outro. Miguelina se apresentou como pajé, quando nos contou sobre o ritual na ONU. No tocante ao movimento religioso interno à Ipegue anunciou que percebia uma associação da religiosidade com a liderança desde a época em que sua avó “tinha liderança” [era xamã ou benzedeira]. Depois passou para sua mãe e depois para ela. Do lado de seu pai também tinha liderança religiosa xamânica, pelo discorre abaixo.

(...) Minha mãe e minha vó também tinha liderança. (...) Em primeiro lugar, eu falo, eu tenho o meu guarda espiritual, meu pai, foi liderança antigamente aqui, e eu continuei sendo como ele, meu guia (...) em português, é Maurícia Constantino (Amipé). Amipé significa mulher lutadora, [D. Amipé que ensinou a senhora e sua irmã a benzer?] É, meu cunhado, marido da minha irmã, teve 50 anos de função, como se diz, nesse trabalho dele, trabalho espiritual; uma

missão, uma missão dele. Aí a minha mãe começou, a minha irmã foi, casou, e minha mãe começou. Aí, depois também me pegaram no jeito, e também entrei. [e como que a pessoa é escolhida?] É, a pessoa é escolhida. Ele olha também se a pessoa não é muito fofqueira, se não fala mal da vida do outro, se não briga, não xinga, se é uma pessoa pura, sempre alegre; Porque ele dizia tava benzendo e ia chegar e dizer: - Ah! Daqui a pouco fulano ia, e já ia dizer fulano tá enfeitado; se tá vendo que fulano tá enfeitado, não tem que tá falando, porque não cura logo. Então, tem uma parte muito séria nessa parte espiritual, né. E se você for desse jeito você não consegue curar ninguém, não cura. Eu vejo muito aí benzedor que não cura. Porque a gente sabe que quando Jesus passou na Terra, ele não cobrava um tostão; então a gente tem que seguir o rastro dele, entendeu? [e se as pessoas quiserem dar alguma coisa?] Sim, sim, a gente ganha, mas não cobra. Então a vida da gente continua isso aí. (Igreja Católica de Ipegue, depoimento de Miguelina Silva, fev. de 2008)

O relato demonstra o processo acerca de como iniciou e se formou xamã/benzedeira de criança. A anciã rememora o seu passado e a relação familiar com o xamanismo. Foram gerações de benzedores. Para curar, o xamã tinha que manter um padrão de comportamento severo. Dieta alimentar e moral. Não ser fofqueiro, não brigar, não xingar, não cobrar pelo benzimento, entre outros. Afirma ter seguido o padrão. E reafirma a gente ganha, mas não cobra.

Da mesma forma como antes cada aldeia tinha o seu pajé principal, que passava por um longo período de preparação (desde pequenininho), cuja vida social era bastante discreta (não saía na rua), as aldeias Ipegue e Bananal ainda os tem no presente. A diferença é que hoje são benzedores, curandeiros, purungueiros e fazedores de simpatias. Alguns se especializam em doenças de crianças e outros estendem seus serviços para arranjar ou reatar casamentos, entre outros desejos manifestados por seus clientes. Os curandeiros, que utilizam as plantas como meio de cura, geralmente são crentes vinculados às igrejas pentecostais e protestantes. O fato é que pudemos observar que tanto o terena católico quanto os evangélicos recorrem aos trabalhos dos xamãs (MOURA 2009).

O poder dos pajés antigos, segundo

¹A historiadora Lenir Ximenes (2017, p. 248) evidencia em sua tese de doutorado a forte presença da pajelança, mas também da oração católica, evangélica, entre outras, bem como a capacidade de tolerância religiosa em um contexto que a luta pela terra é a prioridade. Destaca a performance guerreira de pastores, membros de várias denominações religiosas e o marco da pajé/xamã/rezadora Terena, Dona Miguelina Silva na Retomada em Taunay/Ipegue.



Miguelina Silva e Lídia (Mulheres Corajosas) fazendo pajelança na Festa do Dia do Índio (19/04/2006).
Fonte: arquivo pessoal de Miguelina Silva (Miguelina a 1ª mulher da esquerda para a direita e Lídia, a primeira mulher da direita para a esquerda).

Miguelina, permitia-lhes prever o futuro e livrar as pessoas de situações embaraçosas (profeta e adivinhador), além de realizar curas ou colocar feitiços. Numa situação de campo anterior, em 2004, conhecemos Paulo Gomes, um dos mais famosos xamãs entre os regionais, procurado pelos fazendeiros (produtores rurais) e políticos, segundo ele mesmo. Ganhara fama por ter realizado várias curas entre os indígenas e não indígenas, sendo muito procurado inclusive por alguns médicos de Campo Grande (a capital do Estado de Mato Grosso do Sul), que vez ou outra solicitavam sua ajuda em alguns casos complexos. As pessoas se deslocavam de muito longe para se consultar com ele.

“Quando a pessoa chegava eu já sabia qual era o problema dela.” Além das curas o xamã também ajudava os políticos a ganhar as eleições. Os candidatos solicitavam sua intervenção espiritual para alcançar resultados positivos nos pleitos eleitorais. Quando finalizava o processo vinham até ele para agradecer e retribuir a ajuda.

No caso de Miguelina Silva vimos apenas o lado da cura e da benção, sem entrar no âmbito das profecias e dos seus demais conhecimentos.

A pajé nos falou de sua relação com a natureza povoada que era habitada pelos espíritos donos das plantas, dos animais, da água, pois para os Terena todo ser existente tem seu dono. As doenças, por sua vez, também tinham donos e donas. Por isso, alguns rezadores que não detinham poder para combater determinado tipo de doença enviavam o cliente para outro rezador.

Todo o poder xamânico, dessa forma, emanava do mundo dos espíritos, com os quais o xamã tinha o poder de se comunicar. O benzedor da Aldeia Bananal, do bairro Jaraguá, Mariano José nos relatou uma situação em que sua filha contraiu uma doença curada por outro benzedor, contra a qual seus conhecimentos não eram suficientemente fortes (Igreja Católica de Jaraguá, depoimento do benzedor de Bananal Mariano José da, fev. 2008). Segundo Miguelina os benzedores podem se especializar em uma determinada faixa etária ou em determinadas doenças.

No início de sua função Miguelina era responsável apenas por benzer as crianças. Depois de algum tempo, sua mãe transmitiu-lhe os outros conhecimentos pertinentes às demais

faixas etárias. Aprendeu tudo, mas dedicou-se à cura através das orações. Aprofundou seus conhecimentos com seu cunhado Daniel a quem considera como um poderoso xamã da época mais recente. Atualmente reside na região de Nioaque. É possível que tenha sido um dos xamãs envolvidos no evento relatado por um crente que se converteu ao cristianismo por desilusão com outro xamã, cuja oração ao invés de curar matou sua irmã. Segundo o interlocutor, um xamã morava em Ipegue e o outro em Bananal.

O evento é uma situação de disputa de poder e cura. O narrador demonstrou constrangimento ao lembrar o acontecimento, pois revivia a situação histórica na qual se sentira vitimado juntamente com sua família. Em seu depoimento, a luta teria ocorrido entre os dois xamãs envolvendo um membro de sua família. Devoto de São Jorge e nascido na aldeia Ipegue, viveu parte da sua adolescência e juventude trabalhando fora da aldeia, o que rendeu-lhe prestígio junto aos seus parentes quando retornara. Abriu seu próprio comércio e retomou sua identidade de católico e festeiro de São Jorge. Como prova de sua devoção ostentava um quadro com a imagem de seu Protetor na parede de sua mercearia (pequeno estabelecimento comercial). Uma de suas irmãs, estando grávida apresentou algumas complicações na gestação e foi atendida pelo xamã local, de sua inteira confiança. Tudo corria dentro da normalidade até a disputa entre xamãs se iniciar. Na leitura de nosso interlocutor, o xamã da aldeia Bananal demonstrara superioridade sobre o xamã que atendia sua irmã. Medindo forças espirituais exigiu do oponente uma prova de obediência e respeito. O resultado foi que a cliente veio a óbito.

O xamã de Ipegue derrubou o de Bananal, que por sua vez ficou receoso em desafiá-lo novamente. No caso em questão, o feitiço virou-se contra a família do narrador, cuja doente morreu de complicações no parto. O narrador concluiu que ao invés de ajudar no parto da paciente o xamã a amarrava. Após a morte da parturiente, sua família se converteu ao protestantismo. Percebendo a ausência de uma argumentação convincente os familiares da parturiente prenderam e pressionaram o feiticeiro para que contasse a verdade acerca da morte. Pressionado, o xamã confessou que não tivera forças suficientes para fazer oposição aos poderes do xamã oponente.

A saída para aquela família foi procurar

outra força espiritual, com a qual pudesse contar em outra situação daquela. Teria sido por esse motivo que o narrador romperia com o catolicismo/xamanismo e abandonou o Santo (São Jorge). Passou a tomar conta da família de sua irmã e seus sobrinhos netos que também acompanharam a sua decisão de mudar de religião. Fora um sentimento de decepção e impotência diante das forças de um poderoso xamã, que levava à ruptura com as tradições Terena, encerradas no seio do catolicismo.

Segundo Carvalho, a ideia de feitiço está muito associada ao contexto em que se dá a doença. Situações liminares da vida do indivíduo deixam-no mais vulnerável, como no caso de feitiço. O feitiço é uma manifestação do poder do xamã Terena, porém o mesmo possui a função de cura, de equilíbrio do cosmos e de manter a memória ritual da etnia.

Na sociedade Terena – assim como em muitas sociedades indígenas, em especial naquelas onde está presente o Xamanismo – a noção de equilíbrio cósmico está por trás das representações de doença e morte. Esse equilíbrio é, de fato, inexistente, está sob constante ameaça, configura-se como uma orientação – um eixo, uma linha mestra – da dinâmica social; essa mesma dinâmica que o rompe a todo o momento. A concepção de equilíbrio é uma construção teórica; é um “tipo ideal”, se é possível à analogia entre essas noções. Assim, entre os Terenas, as representações da doença estão associadas à concepção de um equilíbrio rompido: pensa-se na origem da doença pela falta ou excesso de alguma substância no organismo. Essa substância é mais concebida em termos energéticos (espirituais) do que em termos concretos (materiais). A substância concreta (matéria) é, em geral, simbólica, é a representação de algo que a transcende (CARVALHO, 1996:86).

Situamos os purungueiros como uma continuidade dos koixomuneti, pois trazem consigo a ambiguidade do bem e do mal. Dona Miguelina Silva faz pajelança com a porunga, porém se denomina pajé. Os benzedores, curandeiros e fazedores de simpatia são atores que há muito tempo povoam o imaginário regional com suas práticas de curas e bênçãos. Maués & Villa corta (1998) produziram uma classificação que talvez nos auxilie a compreender a diferença existente entre esses

especialistas. O especialista mesmo não se considerando pajé, conhece variados remédios e é um prático muito procurado pelas pessoas que acreditam precisar de seu tratamento. Vejamos a classificação abaixo:

O benzedor ou a benzedeira é um especialista que, podendo ser também um experiente, alia a essa condição um dom especial, que caracteriza sua especialidade: sabe benzer mal olhado, quebranto, “ersipla” (erisipela) e outras doenças suscetíveis de benzeção. O benzedor usa orações fortes e, muitas vezes, água e ramos de ervas no momento da benzeção. (...) O “farmacêutico” é um dono de farmácia, geralmente localizada nas sedes municipais, que também receita remédios à população; alguns desses farmacêuticos podem ser muito considerados entre os moradores rurais e urbanos das classes populares. As parteiras têm uma importância especial nas localidades rurais, onde não há médicos nem hospitais. Algumas delas são reconhecidas e recebem treinamento pelos serviços oficiais de saúde das sedes municipais do interior. Nas localidades onde atuam, as mais consideradas são as “parteiras de dom”, isto é, aquelas que, além de conhecerem as técnicas de atendimento às mulheres grávidas e gestantes, também são assistidas por caruanas, que as auxiliam em sua tarefa. Essas parteiras não são necessariamente pajés ou curadoras, mas atendem às parturientes com ajuda dos encantados (MAUÉS & VILLACORTA, 1998:13).

Entre os Terena era corrente a prática das parteiras assumir a saúde das mulheres. Atualmente, as parteiras ainda atendem as aldeias, mas a predominância é dos partos realizados em hospitais da região na qual se localiza a Terra Indígena terena. A Fundação de Saúde exerceu um controle sistemático sobre as famílias indígenas a partir de 1990, porém agora passou a função para a Secretaria de Saúde Indígena (SESAI).

Em seu estudo sobre as práticas de cura entre o Terena, Fernanda Carvalho (1996) nos apresentou um pluralismo médico amplamente perpassado pelo Xamanismo. Para a autora, os koixomuneti devem ser classificados em curadores e feiticeiros, embora todos se identifiquem como católicos. Por outro lado, apresentam-nos os curandeiros, geralmente crentes, que desenvolvem seus tratamentos à

base de plantas medicinais, pois a fitoterapia é utilizada nos tratamentos de todos os males. Salienta que “o xamanismo, embora bastante modificado, atualizado, continua existindo como parte do universo Terena” (CARVALHO, 1996:97).

Com relação ao comportamento dos evangélicos e católicos destacou que a diferença está em um controle mais rigoroso sobre os padrões de comportamento dos indivíduos por parte dos pastores. Em suas palavras, “a abstenção de bebidas alcóolicas, do fumo e da dança é uma prática almejada pelos crentes”. Por outro lado, do ponto de vista do autor, “alguns Terenas atribuem uma situação de maior coesão e melhor possibilidade de 'progresso' da comunidade ao fato de estarem vinculados a religiões protestantes” (CARVALHO, 1996:67).

Em linhas gerais, buscamos evidenciar a trajetória da xamã Miguelina Silva com a qual tivemos a oportunidade de dialogarmos em certas ocasiões. Respeitada benzedeira, inclusive pelas missionárias católicas Lauritas que residem em Aquidauana, bem como por muitos regionais que recorrem à sua poderosa oração quando precisam de curas.

2. SÍNTESE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas interlocuções com lideranças religiosas evangélicas e católicas, podemos concluir que o Xamanismo encontra-se no cotidiano Terena e sempre é requisitado pelos índios e os não índios das aldeias e das cidades vizinhas, bem como pelos Terena de outras Terras Indígenas ou cidades. Entretanto, na atualidade, os xamãs encontram-se incluídos entre os leigos, afiliados ou clientes da Igreja Católica de suas aldeias. Com isso estamos querendo destacar que os xamãs são católicos Terena.

Por mais que ressaltemos a permanência do Xamanismo, temos que corroborar que o desejo de reforma moral foi uma decisão dos próprios Terena, preconizada na situação histórica de Reserva, ainda na primeira metade do século XX, como já foram percebidos por IVARRA ORTIZ; SANTOS E MOURA em artigo recente publicado em 2017. Enquanto sujeitos históricos produtores de estratégias criativas os Terena aceitaram o Cristianismo e todas as alterações produzidas em seu cotidiano.

São católicos ou evangélicos em sua maioria.

Isso foi possível porque as agências cristãs também abriram, ao longo do século XX, novas possibilidades de participação e interação com as lideranças religiosas e políticas indígenas interna e externamente às suas áreas. Tanto os indígenas quanto as agências religiosas passaram por mudanças no processo histórico. Ao conjunto de mudanças ocorridas no *modus vivendi* Terena denominamos de reforma moral e social (WRIGHT, 2004).

A reforma moral afetou diretamente a dimensão das relações sociais internas e externas, pela qual o afiliado passou e passa quando conclui seu processo de conversão, atingindo o plano espiritual. Disciplina o plano terreno, no qual o adepto passa a viver a partir de novas regras de condutas, normas e comportamentos, tal como deve ser um verdadeiro cristão. Na ótica dos evangélicos o convertido liberta-se de seus vícios terrenos tais como: o fumo, a bebida alcoólica, os festejos profanos, o concubinato, a idolatria, a bigamia, a jogatina e o Xamanismo. O cristão evangélico convertido nasce para uma nova vida. Esse modo de ver e viver no mundo cristão e protestante Terena é propagado em suas missões junto às outras etnias indígenas (MOURA 2001). O católico segue o livre arbítrio e sua conduta não é acompanhada pelos demais católicos.

Retomo o grupo terena das Mulheres Corajosas, que ao mesmo tempo rezam, benzem, praticam pajelança e denunciam as situações e comportamentos que acreditam ser destoantes do jeito de ser terena. O grupo tem um papel político pontual quando denuncia os caminhos desviantes e inadequados dos jovens terenas, que organizam-se em gangs nas aldeias, ao mesmo tempo em que denuncia o tráfico e consumo de drogas na Terra Indígena Taunay/Ipegue. Portanto, ao assumirem a identidade de benzedeira as mulheres desse grupo fazem emergir a sua dimensão xamã. É dessa forma, Miguelina é potencialmente uma dessas mulheres xamãs.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Fernanda (1996). *Koixomuneti e outros curadores: Xamanismo e práticas de cura entre os Terena*. São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.

IVARRA ORTIZ, R; SANTOS, A. C; MOURA,

N. S. P. Da Província ao Estado de Mato Grosso (1860- 1930): a metamorfose dos Terenas ao cristianismo. *Diversidade Religiosa*, v. 7, p. 102-116, 2017.

JOSÉ, Mariano. Depoimento do benzedor de Bananal Mariano José da, fev. 2008. In: MOURA, Noêmia S.P. (2001). *UNIEDAS: O Símbolo da Apropriação do Protestantismo Norte-Americano pelos Terena Crentes (1972-1993)*. Dissertação de Mestrado em História. UFMS, Campus de Dourados-MS. p. 199.

MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e encantaria amazônica. In: *JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA*, 8., São Paulo. São Paulo, 1998. Disponível em www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/pq01-3.doc. Acesso 10 mai. 2007. p. 2- 34

MOURA, Noêmia S.P. (2001). *UNIEDAS: O Símbolo da Apropriação do Protestantismo Norte-Americano pelos Terena Crentes (1972-1993)*. Dissertação de Mestrado em História. UFMS, Campus de Dourados-MS. práticas de cura entre os Terena. São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.

MOURA, N.S.P. & ZORZATO, Osvaldo (2004). *O Processo de apropriação do Protestantismo Norte-Americano pelos Terena através da UNIEDAS*. In: WRIGHT, Robin M. *Transformando os Deuses: Igrejas Evangélicas, Pentecostais e Neopentecostais entre os Povos Indígenas no Brasil*. Campinas, SP: Edunicamp, Vol. II, 2004.

SILVA, Miguelina. (Depoimento da benzedeira Miguelina Silva fev. de 2008). In: MOURA, Noêmia S.P. (2001). *UNIEDAS: O Símbolo da Apropriação do Protestantismo Norte-Americano pelos Terena Crentes (1972-1993)*. Dissertação de Mestrado em História. UFMS, Campus de Dourados-MS, p. 198.

WRIGHT, Robin M. (Org.). *Transformando os Deuses: Igrejas Evangélicas, Pentecostais e Neopentecostais entre os Povos Indígenas no Brasil*. Campinas, SP: Edunicamp, Vol. II, 2004.

XIMENES, Lenir (2017). A Retomada Terena em Mato Grosso do Sul: Oscilação Pendular entre os Tempos e Espaços de Acomodação em Reservas, Promoção da Invisibilidade Étnica e Despertar Terena. Tese de doutorado do PPGH/UFGD, Dourados-MS.